

ISSN 2238-9113

**ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

### **Tessituras de Memória – Reflexões acerca do conceito de memória em Paul Ricoeur e Gilles Deleuze**

**Suzimara Ferreira De Souza (suziferr@gmail.com)**

RESUMO – A presente pesquisa propõe um panorama acerca da representação das concepções de memória de Platão à contemporaneidade e algumas tessituras entre as ideias de memória em Paul Ricoeur e Gilles Deleuze. A metodologia a ser utilizada, baseia-se em uma pesquisa de cunho teórica e reflexiva (MOROZ e GIANFALDONI, 2002). Contudo o que vem a ser memória? Quais elementos a constitui, no que ela em si consiste e o que é capaz de desencadear. Para Paul Ricoeur (2007, p. 107-108) a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas; o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória; e à memória está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo. Neste último, o movimento é em via dupla (RICOEUR, 2007, p. 108). Faremos algumas reflexões entorno dessas afirmações ao longo do trabalho. Em contrapartida Gilles Deleuze nos afirma um modelo de memória baseado na multiplicidade sendo entendida como um dispositivo na produção de presente e futuro a partir da temporalidade, sintetizando assim três propostas sobre o tempo referenciadas na ideia de hábito de D. Hume, de duração de H. Bergson e de eterno retorno, enquanto produção da diferença, de F. W. Nietzsche.

**PALAVRAS-CHAVE – Memória. Tessituras. Linguagem. Tempo.**

### **Introdução**

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.

Gilles Deleuze

O interesse pelo tema recai principalmente sob um incômodo pessoal acerca da(s) memórias, visto que entre os fragmentos e completudes, excessos e exceções, linguagem e signos, existem grandes lacunas de memória bem como dentre apagamentos ou silenciamentos, reflexões e conjecturas reconhece-se, que seja indissociável os conceitos de linguagem e memória. Iniciamos com o primeiro problema de nosso trabalho; porque desde suas últimas décadas os entrelaçamentos de ideias a respeito de memória desencadearam discussões importantes acerca da possibilidade de representação e construção dos sujeitos nos mais diversos âmbitos.

Afinal, o que de fato vem a ser memória. Quais são os elementos que a constitui. No que ela em si consiste e o que é capaz de desencadear. Pertinente registrar, aqui, que a capacidade mental que nos permite conhecer pela apreensão da percepção é a memória e

consideramos no proposto trabalho que a percepção é característica inerente a todos nós; o pensamento.

A pesquisadora Ana Luiza Bustamante Smolka; em sua produção intitulada, *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural no ano de 2000*; aborda de forma poética e muito explicativa a questão da memória na história da deusa Mnemosyne, utilizando o termo Memória divinizada, essa memória (deusa) gera nove Musas, denominadas de as Palavras Cantadas. Trata-se de uma poesia do poeta homérico, numa versão – autorizada – da palavra pública, que segunda a professora tem, por isso mesmo, um poder de sustentar e controlar, de certa forma, a cultura e a tradição. E a partir disso considera que a tradição deve ser praticada e fielmente mantida necessitando ser lembrada por todos além de acessível às possibilidades de memorização das pessoas de forma geral. Na memória rítmica, dentro das palavras cantadas existe então, a maneira mais direta de imitação, de memorização e de sustentação da tradição (SMOLKA,2000).

Percebe-se um caráter mitológico para explicar a memória associada a um jogo de palavras em diferentes perspectivas como relevar, repetir e memorizar. Ainda falando-se em antiguidade, Platão apresentava a memória como um bloco de cera, no qual nossas lembranças são impressas, acreditava ele que e a partir destas lembranças poderíamos articular ideias e fomentar reflexões acerca da realidade de nosso contexto. Esse pensador suspeita da mimesis e faz crítica a poesia – não pela criação, mas pela sedução: a atração da mimesis é estranha ao “pensar”. O filósofo, amante da verdade e da sabedoria, difere do poeta, amante de espetáculos e da opinião. Com Platão, uma teoria da Memória é fundamentalmente uma teoria do Conhecimento (SMOLKA,2000).

Quando se refere a uma atualização da memória no presente, Agostinho fornece uma característica que constitui as bases da noção de presentificação. Se futuro e passado existem, quero saber onde estão. Se ainda não consigo compreender, todavia sei que, onde quer que estejam não serão futuro nem passado, mas presente. Se aí fosse futuro, não existiria ainda; e se fosse passado, já não existiria. Por conseguinte, em qualquer parte onde estiverem, seja o que for não podem existir senão no presente [...]. Agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera (AGOSTINHO, 2009, p. 342-345).

Sobre a formação das imagens, Agostinho (2009, p. 274) utiliza sua famosa metáfora central dos vastos palácios da memória, reforçada por outras figuras como o depósito, o armazém, os compartimentos (p.277) onde as numerosas lembranças são depositadas, postas em reserva. Para Agostinho (2009, p. 277), de fato, todas essas realidades não se introduzem na memória. São apenas imagens colhidas com extraordinária rapidez, dispostas como em compartimentos, de onde admiravelmente são extraídas pela lembrança.

Segundo Jacques Le Goff, a memória é a capacidade de conservar certas informações, propriedade essa referente a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. Para Pierre Nora “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, estando em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, op. cit., p. 9).

A memória além de nos possibilitar relembrar momentos e sentimentos nos fornece recordações de acontecimentos pessoais e históricos, funcionando, por exemplo, como alicerce para a História. Sendo inclusive confundida com o documento, com o monumento e com a oralidade. No final da década de 1970 os historiadores começaram a trabalhar com a memória e recentemente a memória tornou-se objeto de reflexão da historiografia.

As investigações atuais acerca do tema ocorreram e ocorrem nas mais diversas áreas do conhecimento a fim de contextualizar e definir o mais claro que possível os contornos conceituais do que seja memória. Na filosofia, na sociologia, na antropologia, na literatura e principalmente na psicanálise, no entanto, os estudos sobre a memória individual e coletiva nessa época já estavam avançados. Foi o fundador da Psicanálise, considerado uma figura ícone da modernidade, Sigmund Freud, quem no século XIX trouxe à tona a característica seletiva da memória: ou seja, lembramos parcialmente das coisas, a partir de estímulos externos, e escolhemos tais lembranças. A partir desse pensamento a memória não era mais um repositório de lembranças ou um depósito das mesmas. Esta passa a ser processo de (re) significação e (re) estruturação de características dos indivíduos.

Alguns traços indicados pelo filósofo Paul Ricoeur (2007, p. 107-108) devem ser destacados naqueles que saem em defesa do discurso do caráter essencialmente privado da memória: Primeiro, a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas; segundo, o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória; e terceiro, é à memória que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo. Neste último, o movimento é em via dupla, do passado para o futuro, mas também

pelo movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo (RICOEUR, 2007, p. 108).

A memória pode ser interpretada como uma espécie de banco de lembranças a serem acessadas conforme a necessidade de seu usuário.

Para Bergson o tempo; o ser; é multiplicidade, conceito utilizado pelo físico-matemático Bernhard Riemann, que distingue dois tipos de multiplicidades: as multiplicidades discretas e as multiplicidades contínuas. O primeiro tipo é exterior, é delimitado, quantitativo, enquanto o segundo é interno, infinito, qualitativo, sendo o mais próximo ao conceito de duração. A partir disso Bergson postula que no fluxo da duração “o presente que dura se divide a cada instante em duas direções, uma orientada e dilatada em direção ao passado, à outra contraída, contraindo-se em direção ao futuro” (Deleuze, 1966/1999, p. 39). O fluxo segue caminhos divergentes ao mesmo tempo e não apenas um único sentido como representado na flecha do tempo; como se houvesse uma cesura no tempo que implicasse tais ramificações. “É preciso que o tempo se cinda ao mesmo tempo em que se afirma e se desenrola: ele se cinda em dois jatos dissimétricos, um fazendo passar todo o presente, e o outro conservando todo o passado” (Deleuze, 1966/1999, p. 102).

Sendo assim, Bergson entende “a memória sob estas duas formas: por recobrir com uma capa de lembranças um fundo de percepção imediata; e por contrair também uma multiplicidade de momentos” (citado por Deleuze, 1966/1999, p. 39), dessa forma o presente torna-se o que há de mais contraído do passado. A obra deleuzeana atribui um caráter múltiplo da memória, proporcionando grande plasticidade e variabilidade em sua construção e atribuindo singularidade à reconstrução mnemônica de cada sujeito.

Observamos que até então todas as reflexões são permeadas pela linguagem, seus jogos e suas conexões. Nós seres humanos temos a necessidade de falar para pensar, pois não conseguimos raciocinar sem antes perpassar a linguagem, o que é pensado fora isso tem haver com sentido, aquilo que nunca conseguimos dizer tal qual afirmou o pensador Bergson; por exemplo; não por as palavras terem alguma deficiência, mas por esse sentir ser algo muito particular e confuso. Enfim, nosso inconsciente não é pensado enquanto não chega à linguagem, ou seja, enquanto não chega à consciência. Os signos e significantes, o jogo de linguagem nos permite estruturar nossas reflexões a fim de nos expressarmos e nos representarmos diante o mundo. Essas expressões representativas não deixam de ficar impressas na memória, registradas e acessadas de tempos em tempos conforme a situação desencadear necessidade.

Entendemos que a memória pode explicar nos situar no tempo e no espaço, assumindo ora um caráter às vezes individual, único e subjetivo ora nos remetendo a acontecimentos coletivos e históricos.

### **Objetivos**

- Compreender de que forma a memória foi representada de Platão à contemporaneidade.

- Pesquisar e refletir, por meio de levantamento bibliográfico e enfoque filosófico, diferentes concepções de memória e suas perspectivas.

### **Referencial teórico-metodológico**

Justificamos a metodologia deste estudo, embasamos em Moroz e Gianfaldoni (2002) os quais afirmam que um levantamento bibliográfico traz a possibilidade de organizações das informações necessárias para uma pesquisa futura. Uma revisão bibliográfica, tal quais as autoras sugerem, mostra a relevância da problemática ao pesquisador e ao leitor, como também o panorama de vertentes possibilidades a serem investigadas dentro de uma pesquisa. Moroz e Gianfaldoni (2002) justificam ainda que, por meio de uma reflexão teórica, o pesquisador tem posteriormente respaldo para realizar o seu trabalho de forma pertinente além de possibilitar que o trabalho seja visto com mais credibilidade e veracidade.

### **Resultados**

Trata se de uma pesquisa em andamento, logo nossos resultados estão em construção. O que apresentamos são os resultados até então de nossas pesquisas bibliográficas e reflexões acerca do tema.

### **Considerações Finais**

Acreditamos que o levantamento de um panorama histórico acerca do tema memória permite compreender o processo de representação do conceito em diferentes períodos históricos e nos remete às reflexões contextualizadas envolvendo dois dos principais aspectos de nossa construção enquanto sujeitos, a linguagem; como capacidade exclusiva da comunicação humana e a memória; entendida como experiência de (re)significação, (re)conhecimento, (re)criação de coisas e de si, tal qual o pensamento do filósofo Paul Ricouer .

A memória tem seus artifícios e constantemente recorre a uma rotina de gestos e de pensamentos para preservá-la, de maneira “indene” dos golpes do esquecimento. Ao ser provocada seja pelo devir, ou seja, pelos deslocamentos do desejo, a memória institui, em ato

solidário com o passado, um espaço de confronto entre as dimensões infra leves e suas características de dissipação. Se considerarmos o romantismo alemão no século XVIII e o transgressor pensamento tanto de Nietzsche quanto de Freud na segunda metade do século XIX e início do século XX, os espaços para reprodução e para repetição de informações, valores e costumes foram abalados de forma incontestável. Os sistemas hegemônicos vigentes reuniram, de acordo com seus interesses, diferentes tradições utilizando o termo de cultura ocidental. Cultura essa fragmentada tal quais nossos atos de memória.

Finalizamos compartilhando a concepção de memória definida por Deleuze; a ideia de memória como multiplicidade, ou seja, memória enquanto coexistência virtual de múltiplos planos, variadas dobras temporais capazes de gerar diferentes tipos de recordações e realidades conforme suas distintas combinações.

### **Referências**

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BERGSON, Henri (1896/1999). **Matéria e Memória**. (2ª ed). São Paulo: Martins Fontes.
- BURGIUÉRE, André (org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- DELEUZE, Gilles (1966/1999). **O bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34.
- GUALANDI, Alberto (2003). **Deleuze**. São Paulo: Estação Liberdade.
- HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MOROZ, M; GIANFALDONI, M. H. T. A. **O processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Plano, 2002. (Série Pesquisa em Educação, v. 2).
- MURICY, K. **O que nos faz pensar**. Cadernos do Departamento de Filosofia. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. São Paulo, n. 10, p. 1-78, dez., 1993.
- PERBALT, Peter Pál (2004). **O tempo não reconciliado: Imagens de tempo em Deleuze**. São Paulo: Perspectiva.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- RICOEUR, P. **O percurso do reconhecimento**. Tradução Nicolás Nyumi Campanário. SP: Loyola, 2006.
- SANTO AGOSTINHO, **Confissões**; tradução de J. de Oliveira e A. Ambrósio de Pina. -24ª ed.-Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural.** Educação & Sociedade, ano 21, v. 1, n. 71, p. 166-193, jul. 2000. p. 168.